



Co-habitando com as Danças Urbanas: uma experiência a partir do Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI).

Carolina Gasquez Magnesi*, Graziela E. Rodrigues (orientadora).

Resumo

Esta pesquisa investigou, a partir do Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete, as Danças Urbanas como uma manifestação popular marginalizada e de resistência na atualidade. A atenção da pesquisadora esteve voltada, principalmente, para o lugar da mulher nessa cultura e para a identidade brasileira desse movimento através de pesquisas de campo com o grupo Pânico Krumpers (Campinas-SP) e com moradores e passantes do centro de Campinas. A partir das corporeidades observadas e da realização de laboratórios dirigidos, chegou-se à estruturação inicial de uma personagem que dialoga com a essência do Hip Hop Brasileiro.

Palavras-chave:

Danças Urbanas, Método BPI, Gênero.

Introdução

Desde sua criação, o Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (RODRIGUES, 2003) vem se empenhando em buscar a Dança do Brasil presente em corpos resistentes de segmentos sociais marginalizados e manifestações culturais brasileiras. Esta pesquisa, então, vem com o intuito de deflagrar esses corpos no contexto das Danças Urbanas, especificamente na modalidade do Krump, na qual a agressividade é corporalmente nítida em seus praticantes.

A preferência foi aprofundar-se no segundo eixo do Método BPI, o Co-habitar com a Fonte, que propõe a realização de uma Pesquisa de Campo. Desta forma, a escolha foi, primeiramente, observar os encontros do grupo Pânico Krumpers na Casa do Hip Hop localizada dentro da Estação Cultura de Campinas/SP. O projeto inicial tinha como objetivo trazer um novo olhar para a mulher nas Danças Urbanas e buscar a brasilidade presente nelas, já que é uma cultura originalmente dos Estados Unidos. Esses dados foram todos discutidos no corpo da bailarina-pesquisadora-intérprete em questão.

Resultados e Discussão

Antes e durante esse período em Campo, laboratórios corporais dirigidos foram feitos entre a pesquisadora e sua orientadora para que fossem analisados quais conteúdos (imagem, sensação, sentimento e movimento) eram mais latentes no corpo, sendo feitos diários de bordo dos laboratórios e do Campo, com o objetivo de, possivelmente, partir para o terceiro eixo do Método: a Estruturação da Personagem.

Ao longo dos laboratórios percebeu-se a necessidade de uma mudança de Campo. As modelagens que surgiam eram geralmente de corpos de moradores de rua, desde meninas até velhos dentro de uma paisagem urbana suja e desfavorecida. Consequentemente, a pesquisadora explorou a região central de Campinas, atentando-se às corporeidades presentes naqueles espaços e absorvendo-as.

O impasse em deixar de ser menina e tornar-se mulher presente no processo da puberdade, a objetificação do corpo feminino e o abuso sexual tão comum na vida das mulheres, por exemplo, foram conteúdos emocionais e sensíveis frequentes nos laboratórios, pois permeavam tanto a realidade do Campo como da pesquisadora, retomando ao seu Inventário Pessoal – primeiro eixo do Método BPI.

Isso culminou na personagem Zefa, uma menina de rua, negra, órfã, de 13 anos que acabara de ter sua primeira menstruação e ainda não reconhecera as mudanças em seu corpo. Tinha medo, nojo, curiosidade e confusão dentro de si, mas nada disso a impedia de brincar e encarar a rua como seu parque de diversões, o que fez com que, aos poucos, a liberdade e a autoaceitação fossem tomando conta dela. Seus movimentos mostravam enfrentamento e superação contra a realidade que tentava reprimi-la. Mesmo que a movimentação da pesquisadora não tenha atingido exatamente os passos do Krump, vê-se na gestualidade de Zefa a essência do Hip Hop, no caso, brasileiro, como Afrika Bambaataa, considerado o pai dessa cultura, dizia que “ser hip hop é ser mais dançante, por isso, quando o indivíduo é mais vibrante na dança, ele alcança o status e a condição de ser hip hop em todos os momentos de sua vida.” (SOUSA, 2009, p. 93).

Conclusões

Constatou-se no corpo da pesquisadora que, pela abordagem construída na Pesquisa de Campo pelo Método BPI, as Danças Urbanas são a manifestação da realidade dos negros marginalizados na cidade, e as técnicas que as compõem evidenciam toda essa repressão e o histórico de luta e resistência deles - e não o padrão estético virtuoso que a mídia insiste em veicular. A pesquisadora pode vivenciar tal contexto no Co-habitar com a Fonte a partir da perspectiva da mulher que habita tanto as Danças Urbanas quanto a cidade que se transcreve no corpo com violência, preconceitos e perigos.

Agradecimentos

PIBIC/Unicamp e CNPq. Graziela Rodrigues, Núcleo de Pesquisa e Método BPI. Alunas das disciplinas de Dança do Brasil V e VI. Pânico Krumpers. Ana Cristina Ribeiro. Moradores de rua do centro de Campinas.

RODRIGUES, G.E.F. O Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método. 2003. 171 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SOUSA, R.L.de. O movimento Hip Hop: a anti-cordialidade da “República dos Manos” e a estética da violência / Rafael Lopes de Sousa. - - Campinas, SP: [s. n.], 2009.